

## CONVERSA COM CYRO DOS ANJOS<sup>1</sup>

### TALKING TO CYRO DOS ANJOS

Afonso Henrique FÁVERO<sup>2</sup>

Na época em que fazia meu curso de mestrado na Universidade de São Paulo, surgiu a possibilidade de uma conversa com Cyro dos Anjos. Deu-se o seguinte: Antonio Dimas, meu orientador, sugeriu que eu entrasse em contato com o Autor, fosse ao Rio de Janeiro e fizesse uma entrevista com ele. Estranhei um pouco a naturalidade da proposta, pois julgava que os escritores deviam viver numa outra órbita, mais ou menos infensa a assédios como esse. Mas, a despeito de minha desconfiança, escrevi-lhe (consegui seu endereço no catálogo de um posto telefônico, o que indicava que a órbita não era tão distante assim), falei-lhe dos planos de uma dissertação, da sugestão do orientador, da importância que o depoimento teria para o trabalho etc. Dias depois veio dele uma resposta amável e delicada, convidando-me à sua casa para a tal conversa.

Acompanhado do amigo José Pereira Jr., rumei para o Rio, e, em 10 de novembro de 1987, Cyro dos Anjos recebeu-nos em seu apartamento no bairro de Copacabana. Como o escritor já ultrapassara os 80 anos de idade, imaginamos inicialmente uma entrevista curta a fim de não submetê-lo a um esforço grande. Plano logo desfeito porque sua generosidade ofereceu-nos companhia agradável por mais de 3 horas. Mais adiante está o registro de seu depoimento, que procura obedecer à espontaneidade da conversa.

Cyro Versiani dos Anjos tornou-se conhecido nacionalmente a partir de 1937, ano em que publica *O amanuense Belmiro*, seu romance de estreia. Vieram depois outras obras: *Abdias* (romance, 1945), *A criação literária* (ensaio, 1954), *Montanha* (romance, 1956), *Explorações no tempo* (memórias, 1963 – com o título de “Santana do Rio Verde” passou a integrar *A menina do sobrado*), *Poemas coronários* (poesia, 1964) e *A menina do sobrado* (memórias, 1979).

Cyro nasceu em 1906 na cidade mineira de Montes Claros e faleceu em 1994 no Rio de Janeiro. Além de escritor, foi também jornalista, funcionário público e professor. Ocupou a cadeira n. 24 da Academia Brasileira de Letras, cujo antecessor havia sido Manuel Bandeira.

---

1. Esta entrevista foi publicada originalmente em 2008, conforme referência: Conversa com Cyro dos Anjos. In *Scriptoria III: ensaios de literatura* / Organizadores: Afonso Henrique Fávero, Maria de Lourdes Patrini - Natal, RN: EDUFERN, 2008.

2. Doutor em literatura brasileira pela Universidade de São Paulo, professor de literatura brasileira da Universidade Federal de Sergipe, ahfaver0@ig.com.br, <https://orcid.org/0000-0001-9186-6616>.

AFONSO HENRIQUE FÁVERO – *Podíamos iniciar pelos Poemas coronários, sua obra poética, provavelmente menos conhecida que suas narrativas.*

CYRO DOS ANJOS – Minha obra poética só existe pelo seguinte: eu tive um enfarte em 1963 (eu vivo até hoje por milagre!) e pensei que ia morrer. Em toda minha vida fiz prosa, não fazia poesia. Ou, por outra, fiz uma poesia em tempo de estreante, mas coisa sem nenhum valor literário. E no hospital eu tive uma depressão profunda; quando comecei a sair da depressão, me veio a idéia de fazer uns poemas inspirados no “Cântico do Sol”, de São Francisco, porque via as enfermeiras entrando no quarto. Ao amanhecer, vinha aquele bando de enfermeiras, dava aquela alegria, aquela animação ao doente. Então me saiu um poema – “Cântico ao Irmão Sol” –, inspirado em São Francisco. Naquele tempo exigia-se uma internação demorada (hoje soltam o doente em poucos dias), o sujeito ficava 30 dias em tratamento, em repouso absoluto. Então, na cama mesmo eu escrevia, e minha filha levava, batia à máquina, trazia depois para eu retocar. Só saíram esses chamados *Poemas coronários*. Mais tarde foram publicados em livro, numa edição de luxo promovida pelo Darcy Ribeiro (foi uma loucura do Darcy!). Quando saí do hospital, fiz 50 cópias xerográficas, que mandei aos amigos e parentes que haviam me visitado. Um deles dei ao Darcy Ribeiro, que era reitor da Universidade de Brasília. Lá havia uma oficina de arte tipográfica (infelizmente creio que desapareceu). Ao chegar a Brasília, já restabelecido (naquele tempo eu estava em Brasília), fui surpreendido na Universidade, onde eu era professor. Um dos colegas me disse: “o seu livro está quase pronto”. “Mas que livro?” – perguntei. O Darcy havia mandado fazer o livro. Era um livro muito bonito, viu? 100 exemplares. Tão bom como obra tipográfica que tirou a medalha de ouro numa feira de Leipzig. Mas bom só como obra tipográfica, está claro. Vou mostrar a vocês daqui a pouco. Mas só existe um exemplar em meu poder. Os demais foram distribuídos. Há 3 exemplares com os filhos. Então não tem significação literária; aquilo é mais um depoimento de um moribundo, uma pessoa que pensou que ia morrer e deu aquele depoimento. O meu ramo sempre foi a prosa, não a poesia. Foi inteiramente ocasional.

AHF – *Já O amanuense Belmiro figura no lado oposto, isto é, trata-se de uma obra amplamente reconhecida, com várias edições e uma fortuna crítica considerável. E já que nos falou a respeito da gênese dos Poemas coronários, o Senhor poderia também nos dizer algo sobre a concepção de seu primeiro romance.*

CA – Eu escrevia, em jornais, crônicas com o pseudônimo de Belmiro Borba. Esse “BB” me foi inspirado numa retrospectiva, pois eu imaginava que esse “Borba” me saiu de Machado de Assis, influência machadiana; e “Belmiro” vinha de Belmiro

Braga, um velho poeta mineiro muito simpático e na ocasião muito querido. Então eu imaginei esses dois “Bs” (Belmiro Borba). Escrevi essas crônicas, que foram se encadeando, e comecei a escrever o romance. O pseudônimo virou um heterônimo, e aquele que escrevia virou um personagem. O romance nasceu desse personagem que assinava as crônicas. Publiquei o livro, às minhas custas, pela Sociedade dos Amigos do Livro, fundada por um escritor mineiro, Eduardo Frieiro. Os autores se cotizavam, e os livros saíam assim. Foi um livro com um acolhimento muito bom lá em Belo Horizonte e depois no Rio e em São Paulo. Muitos artigos foram publicados sobre ele. Esse material está na Casa de Rui Barbosa, onde há também artigos sobre meus outros livros: *Montanha, Abdias, Explorações no tempo*, que é de 1963. *Explorações no tempo* é a primeira parte de *A menina do sobrado*.

AHF – *A segunda parte de A menina do sobrado tem um distanciamento temporal mais ou menos longo em relação à primeira, não é? Por que esse intervalo?*

CA – Aí houve o seguinte: eu não tinha a intenção de continuar o livro. Eu escrevi as memórias da infância e começo da adolescência, que me parecia a parte mais rica, mais afetiva, e encerrei o livro ali. Mais tarde me veio o desejo de prolongar o livro até a adolescência em Belo Horizonte. Como *Explorações no tempo* já havia se esgotado, eu fundi os dois nesse exemplar com o título de *A menina do sobrado*. Mas essa segunda parte saiu 10 anos depois (sic): a primeira saiu em 1963 e a outra em 1979. Eu vivia uma vida trabalhosa, em gabinete de trabalho, repartição pública, fazendo discursos... Quando fui para o Tribunal de Contas em Brasília, levei uma vida mais tranqüila. Aí me veio a idéia e folga para fazer a segunda parte, porque a primeira termina quando eu parti de Montes Claros. Então eu tomo, na segunda parte, a chegada a Belo Horizonte até o começo da vida pública. Eu não quis fazer memória da minha vida pública; esses contatos com os políticos eu achei um período muito cacete, muito aborrecido; interessou só a infância e a adolescência até os limites da maturidade.

JOSÉ PEREIRA JR. – *E quanto a suas atividades de professor? O Senhor podia nos contar um pouco sobre elas.*

CA – Eu fui convidado pela UnB, que eu ajudei a organizar, para dar um curso de Oficina Literária. O Darcy Ribeiro é que teve a idéia. Eu disse: “Olha, eu não queria dar aulas”, porque eu tinha muito serviço na repartição; mas o Darcy insistiu comigo. As universidades americanas dão esse curso, não há nas européias, é coisa de americano. Eu disse ao Darcy: “Esse negócio de Oficina Literária eu acho extravagante porque a criação não se ensina; o sujeito tem aptidão ou não tem; o que se pode é ensinar

técnicas de escrever, talvez técnicas de estilística, aprimorar o dom do autor, mas não despertar o dom, é difícil”. E ele disse: “Você faça só Oficina Literária”. Criei então esse curso lá. Os alunos davam o texto, e eu discutia com eles: problemas estilísticos e até problemas gramaticais quando havia. Enfim, era mais uma conversação do que uma aula; era mesmo uma oficina, um seminário. Bem, isso em Brasília dei bastante tempo. Quando vim ao Rio, aposentado, fui convidado a dar esse mesmo curso na UFRJ. E lá estou, já meio cansado... Mas há o receio de ficar com a vida muito vazia; por isso eu estou ainda fazendo um esforço, já que é uma vez por semana só. Dou lá esse curso em torno de textos produzidos pelos próprios alunos; uma aula delicada, pois você tem que fazer um dispêndio enorme de diplomacia para não melindrar os autores, os jovens autores, que ficam às vezes suscetibilizados, não é? Então é uma aula trabalhosa só nesse sentido. No mais, eu os deixo muito à vontade; não assumo a atitude de professor, mas de um companheiro mais velho. Não sei se o ano que vem darei esse curso, mas neste ano ainda estou agüentando. Esse curso é para mestrado e doutorado. Agora só dou para o mestrado, onde acho que o curso é mais útil, o pessoal está mais necessitado.

JPJ – *O seu ensaio A criação literária foi escrito em função desses cursos?*

CA – Não, foi antes. Vim para o Rio em 1945 e aqui fui convidado a escrever num jornal que já desapareceu (daqui a pouco me lembro do nome). Eu fazia uma crônica semanal. Mas foi me escasseando o assunto e então passei a fazer resenha de livros que ia lendo. Em vez da crônica, eu fazia um pequeno apanhado de livros que me interessavam. Quando fui professor em Belo Horizonte, um dia um aluno me perguntou: “Por que o senhor escreve?” Eu já tinha escrito dois livros e fiquei surpreendido com a pergunta. “Escrevo porque escrevo e tal”, mas fiquei com aquilo na cabeça. E aqui no Rio ocorreu-me estudar esse assunto em vários autores: psicólogos, filósofos, uma gama enorme de escritores. Qual seria a razão, o impulso que leva o indivíduo a produzir a obra de arte? Comecei a ler sobre a matéria e ia fazendo meus artiguinhos semanais sem intenção de livro. Esse é um assunto difícil para mim, muito pesado e não pode ser abordado assim com leviandade. Escrevi uma série de artigos para cumprir minha obrigação para com o jornal. Quando saí do Rio, fui convidado para ser professor de Estudos Brasileiros no México. Lá reuni esses artigos e publiquei em forma de caderno, dei uma seqüência... Em Portugal, dando o mesmo curso, o livro foi publicado de novo. Ele é um resumo de leituras, impressões... terminei até de uma maneira brincalhona: como um personagem de Shakespeare, eu diria que não é preciso saber por que se escrevem romances; basta que “sejam bem encadernados e nos falem de amor...” O personagem é de *A megera domada*. Terminei o livro dessa forma brincalhona. Depois disso, continuei esses estudos e pensei em fazer um livro mais rico

de elementos; novas leituras me vieram, mas depois desanimei. Achei o assunto muito difícil e não se chega realmente a conclusão nenhuma. O sujeito cria porque cria, o homem, o espírito é criador por natureza; até os animais criam, até as plantas criam... A aptidão é que é diferente; há aqueles que a têm mais rica, outros menos. Mas é um assunto difícil; lembra aquela velha brincadeira com o estudo da filosofia, que “com a qual ou sem a qual, a gente fica tal e qual”.

AHF – *Voltando aos romances, como foi sua reação ao bom acolhimento que O amanuense Belmiro alcançou?*

CA – Isso é uma coisa lotérica, sabe?! Quando surgiu *O amanuense*, havia um certo cansaço da literatura nordestina, do homem do campo, do ciclo do açúcar; aliás, com grandes escritores como Graciliano Ramos e José Lins do Rego. O meu livro veio com outro espírito; é um livro intimista, pelo menos pretensamente psicológico, de maneira que ofereceu um outro tipo de leitura na ocasião e realmente ele foi acolhido com muita simpatia.

AHF – *Curiosamente Abdias, que vem na mesma linha intimista d’O amanuense e com uma força semelhante, fica menos conhecido.*

CA – O Carlos Drummond me disse mais de uma vez que gostava mais de *Abdias* que d’*O amanuense*. Na verdade, o *Abdias* foi feito com as sobras d’*O amanuense*. Aquele material não se esgotou n’*O amanuense*, e então senti necessidade de escrever um outro livro. Inconscientemente (tudo isso vem de uma maneira inconsciente) os temas não foram esgotados: o tema da moça em flor, o tema da paixão do homem maduro pela jovem. Isso veio também em *Montanha*, que apesar de ser um livro de caráter público, digamos, não é um romance político; mas o tema é político. Numa análise retrospectiva é que a gente descobre isso, “a posteriori”. Alguns acharam que o *Abdias* era uma “sombra pálida d’*O amanuense*”; essa é uma expressão do Antonio Candido. Ele dizia que eu não deveria ter escrito o *Abdias*; ele gostava muito d’*O amanuense*. Mas já o Carlos Drummond gostava mais do *Abdias*, achava mais elaborado.

AHF – *O Senhor levou alguns anos para escrever Abdias, enquanto que O amanuense ficou pronto em pouco mais de um mês, não é?*

CA – *O amanuense* foi o seguinte: eu era Oficial de Gabinete de Benedicto Valladares, famoso Benedicto! Ele tinha muita amizade a mim, mas era uma amizade muito agressiva, ele me ocupava demais; não era só com relação ao trabalho; ele queria que

eu fosse bater papo, aquela coisa toda; tomava muito meu tempo. Mas deu-se um fato interessante: naquela época usava-se fazer temporada nas estâncias hidrominerais. Era chique a sociedade do Rio ir para Poços de Caldas, São Lourenço, Caxambu. O Benedicto convidou o Getúlio Vargas para passar uma temporada em Poços; mas chegando lá, o Getúlio mandou avisar que não poderia ir logo, pois a política estava muito complicada. Então o Benedicto ficou lá esperando o Getúlio; com isso ficamos esperando uns 20 dias, e, quando o Getúlio chegou, ficamos mais 20, e eu tive assim 40 dias de folga. Nesses 40 dias (foi uma libertação pra mim!) é que pôde sair *O amanuense*. Eu escrevia de manhã até tarde da noite; havia datilógrafas à disposição: eu ditava, elas copiavam, depois eu retocava. De noite, eu me lembro, para poder agüentar isso, eu tomava um conhaque, que me arrasou o estômago, e café requentado. Mas estava naquele impulso, e saiu realmente em 40 dias; depois eu retoquei. Agora os outros levaram mais tempo: o *Abdias* levou 5 anos; *Montanha*, 10. N' *O amanuense* joguei ali todas as minhas experiências sentimentais de até então, de modo que foi mais espontâneo; os outros foram mais trabalhados. Talvez venha daí a simpatia com que *O amanuense* foi acolhido; talvez fosse isso.

AHF – *Um dos traços que mais chama a atenção nos seus romances narrados em primeira pessoa, algo também visível nas suas memórias, é o caráter essencialmente lírico, uma linha introspectiva muito forte, tudo isto indicando uma marca dominante, sem dúvida. Em Montanha tal marca fica menos evidente, mais distante dessa tonalidade...*

CA – Pois é! A crítica salientou muito esse aspecto: que eu saí do meu caminho para tentar um outro gênero. É que na ocasião eu tinha uma experiência política, que achei que era material de romance. Na ocasião causou bastante rumor porque a UDN jogou aquilo contra o PSD, o partido dominante; achou que aquele livro era o retrato do PSD e da política corrupta, aquela coisa toda. Mas não era essa a minha intenção; eu queria simplesmente relatar minha experiência, dar meu testemunho. Mas há uma linha lírica dentro do livro, que é a paixão do personagem principal por uma personagem que depois vai ganhando espaço dentro do livro, que é Ana Maria. Se eu hoje fosse reescrevê-lo, eu o faria em torno de Ana Maria e não de Pedro Gabriel, que é o personagem principal. Mas a intenção do livro foi a seguinte: na época fui influenciado pela técnica de John dos Passos, técnica quase jornalística. Então mudei meus hábitos de escritor. Eu queria mostrar uma sociedade em seus diversos aspectos, e na linha habitual isso não seria possível. Fui bem sucedido nos meios políticos, mas não fui bem sucedido nos meios literários. Fui muito atacado na ocasião. Acharam que eu saí dos meus trilhos. Causou tanta sensação nos meios políticos que a segunda edição saiu 20 dias depois da primeira. Depois nunca mais saiu. Aliás, saiu muito tempo depois uma

terceira edição popular. Mas o livro ficou vinculado a uma época, ele ficou sacrificado porque ficou vinculado à época getuliana. Não tem o sentido de permanência que *O amanuense Belmiro* e *Abdias* têm.

JPJ – Nesse sentido, o seu livro mais atemporal talvez seja *Abdias*, mais até do que *O amanuense*.

CA – É verdade, porque *O amanuense* está também vinculado a uma época e a costumes de Belo Horizonte. *Abdias* tem mais sentido de permanência.

AHF – Gostaria de perguntar-lhe a respeito de sua geração, dos escritores de sua geração. Sei que o Senhor teve larga convivência com muitos deles. Num de seus volumes de memórias, Pedro Nava diz, por exemplo, que o Senhor esteve presente ao lançamento, em 1930, do primeiro livro de Drummond, o *Alguma poesia*.

CA – Olha, o Drummond foi a minha grande amizade literária. Eu o conheci na redação do jornal *O Diário de Minas*; ele era o redator-chefe. Eu entrei numa vaga de cronista social (era o Ibrahim Sued de lá), em 1928. Naquele tempo não se usavam essas coisas do Ibrahim, era diferente. Recebeu-me cerimoniosamente, como era seu costume... as precauções que ele tinha com estranhos, mas depois nos tornamos muito amigos. Tanto que ele fez comigo uma coisa extraordinária. Em 1932, eu me formei em Direito e fui morar em Montes Claros. Convidei-o para padrinho de casamento. Era uma viagem de 20 horas num trenzinho fumarento, uma viagem muito lenta. Ele foi a Montes Claros para ser meu padrinho de casamento. Hospedou-se em casa de meu pai, e isso que ele era um homem extremamente cerimonioso. Pois ele fez tudo isso. Quer dizer, estou contando a você para mostrar o grau da nossa amizade. Uma amizade de 60 anos. Fomos companheiros n' *O Diário de Minas* muito tempo. Depois ele veio para o Rio; nossa convivência interrompeu-se por algum tempo, porque eu fiquei em Belo Horizonte. Depois restabeleceu-se no Rio. Ele era o nosso mentor literário. Era um grupo composto por João Alphonsus, um excelente contista; aliás, é uma pena que seja pouco conhecido. Eu vejo tanta literatura fraca por aí, e ele é um contista de primeira ordem. Está praticamente inédito no resto do Brasil. Hoje a situação está um pouco diferente; a província abafava muito os escritores. Os escritores mineiros não conseguiam eco fora de Belo Horizonte. Foi o caso de João Alphonsus. O Drummond foi uma coisa excepcional. Ele era, sem o querer, o chefe do grupo. Ele nunca assumiu isso. Ele, o João Alphonsus, Pedro Nava, Abgar Renault, Martins de Almeida, Milton Campos, esse grupo dele ligou-se muito a Mário de Andrade; mais do que a Oswald de Andrade. Não tiveram muita vinculação

com a Semana de Arte Moderna, não. Naquele tempo, as comunicações eram muito escassas entre Rio, São Paulo e Belo Horizonte. Telegrama... os jornais eram muito poupados em matéria de telegramas. Os jornais iam de trem, demoravam. De modo que havia pouco contato. Então a Semana de Arte Moderna não teve uma repercussão senão nos meios literários de Belo Horizonte. Mas o Carlos travou uma longa amizade com Mário de Andrade. O grupo mineiro não atuou em 1922. Veio a atuar em 1925, com a criação de *A Revista*. É esse grupo que eu mencionei; Drummond e esse pessoal. Mais tarde, eu entrei para o grupo modernista quando o Modernismo estava acabando. O Modernismo já estava num período de recesso, de modo que eu aderi mais ao Drummond do que ao movimento. Na verdade, nunca fui modernista; os meus livros não refletem nada de Modernismo. Minha influência toda era Machado de Assis, Anatole France, literatura francesa, Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco... de maneira que eu era modernista só de companheiragem. Os meus escritos não refletem essa revolução modernista. Do Carlos eu tenho um retrato dessa época. Vejam... a presença dele... eu até hoje fico imaginando que posso telefonar para ele. É uma presença tão forte em mim... de vez em quando eu acho... eu telefonava pra ele 2 ou 3 vezes por semana. Ele gostava muito de uma piada boa, uma anedota nova, divertia-se muito com isso, contava bobagem. Telefonava sempre para ele, de modo que, de vez em quando, eu sinto que posso ir ao telefone e falar com ele. Ele era um homem arredo, mas no telefone era muito comunicativo. As amizades femininas do Carlos... o telefone dele tocava o tempo todo com a quantidade de mulheres que lhe telefonavam, amigas e admiradoras. Muito expansivo, muito mais com as mulheres do que com os homens. Ele era um grande tímido; uma timidez assim espantosa. Mas de uma generosidade, de uma cordialidade muito grande com os amigos.<sup>3</sup>

---

3. Este depoimento de Cyro dos Anjos foi dado três meses após a morte de Carlos Drummond de Andrade.